



## Olhar, andar e dançar na cidade: percursos e pontos de encontros de jovens dançarinos e dançarinas do Rio de Janeiro

*Mirila Greicy Bittencourt Cunha; Caterine Reginensi*

A pesquisa pretende um estudo sobre a relação entre corpo e cidade configurada na *coimplicação* e na *coafetação*, inerentes da interação, quando jovens utilizam espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro para dançar. Tal experiência corporal, a partir de cada *condição urbana* dos interlocutores dançarinos e dançarinas de danças urbanas, promove questionamentos sobre o *direito à cidade*, dos *usos e contra-usos* de estruturas de instituições públicas bem como os rituais e compromissos dos encontros que estão para além das práticas da atividade com a dança. Os processos existentes nos pontos de encontros trabalhados são adequação para/ao/do espaço com/pelo/ao corpo, em locais onde jovens, em maioria homens e não brancos, de classe social entre média e baixa, levam seus sons, acessórios e água para ficarem horas dançando, treinando e trocando ensinamentos e conhecimentos não só do corpo como também de suas próprias vidas. As observações foram iniciadas nos pontos de encontros do Museu de Arte Moderna e do Aterro do Flamengo. Posteriormente, com a confiança de alguns interlocutores, por indicação “bola de neve”, foram realizadas entrevistas semiestruturada e o método experimental dos trajetos itinerários. Através destas metodologias foram coletados 19 pontos de encontros: Teatro de Duque de Caxias; Mangueira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Manguinhos; Centro Coreográfico; Circo Voador; Fundação Progresso, Orla Conde, Cinelândia; Praça Tiradentes; Museu de Arte Moderna; Aterro do Flamengo, Teatro Cacilda Becker, Academia Reboco das Artes; Cantagalo; Campo Grande; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Jacaré; Praça Mauá. Foram identificadas semelhanças para as escolhas dos lugares como: fundamentalmente e unânime, a existência de “um chão liso”; modalidades de dança partícipes das danças urbanas; acordos com “os caras” (segurança, guarda, polícia); infraestrutura mínima (iluminação, interruptor, proximidade a banheiro). Respostas sobre a motivação aos encontros vão desde o sentimento de comunhão ao “modo original” como “tudo começou” (“nós é da rua mesmo”), à condição econômica reduzida, a inexistência de locais para a realização dos treinos e ensaios e por preferência ao espaço aberto “que deixa mais criativo e livre” a prática da dança e o uso da cidade.

Palavras-chave: Cidade, Jovens, Dança.

Instituição de fomento: CNPq, UENF